

TECENDO UM ROMANCE, SALVANDO UMA VIDA: a literatura como refúgio em *O amanuense Belmiro*

Keynesiana Macêdo Souza (UFRN)
kms.rn@hotmail.com

Introdução

O homem sofre, e o amanuense põe a alma no papel.

Cyro dos Anjos

O escritor mineiro, Cyro dos Anjos, despontou na literatura brasileira como romancista com a obra *O amanuense Belmiro*, cuja publicação ocorreu no ano de 1937, momento em que o cenário literário problematizava a realidade nacional, discutia sobre temáticas que ressaltavam: a miséria, a fome, a seca, a paisagem, os costumes e, sobretudo, os tipos sociais brasileiros. Apesar de presenciar este período, seu romance não tem como preocupação primordial mostrar e retratar a sociedade por meio desses temas amplamente abordados no panorama da ficção de 30, mas tem a atenção voltada para o mundo interior do narrador-protagonista, Belmiro Borba, por meio da escrita de suas memórias, partindo de suas reminiscências. Muito embora o crítico Luís Bueno (2006) ressalte em seu livro, *Uma história do romance de 30*, que “[...] é possível ler *O Amanuense Belmiro* como o livro mais imerso no presente imediato que a década de 30 já produziu.” (p. 551).

Candido (2004), em *Brigada Ligeira*, destaca a peculiaridade da narrativa produzida por Cyro ao afirmar que ele é “um homem culto”, um escritor “estrategista”, isto é, um “artista profundamente consciente das técnicas e dos meios do seu ofício, possuidor de uma visão pessoal das coisas, lentamente cristalizada no decorrer de longos anos de meditação e estudo” (p. 73). Já em seu livro *O discurso e a cidade*, Candido (2010) ratifica que o romance do autor é uma obra-prima da nossa literatura, é o diálogo entre o lírico e o analista, e seu narrador-protagonista possui uma sensibilidade que o faz oscilar entre o passado e o presente. Já Alfredo Bosi (1987) define *O amanuense Belmiro* como um romance de “educação sentimental”. Trata-se de uma obra em que o escritor narra “em primeira pessoa, menos a vida que as suas ressonâncias na alma de homens voltados para si mesmos, refratários à ação, flutuantes entre o desejo e a inércia, entre o projeto veleitário e a melancolia da impotência” (p. 172).

A despeito de ser um livro que seguiu, segundo João Luiz Lafetá (2000, p. 31), uma “direção diferente” do que se publicava à época, alguns críticos, ainda na década de 40, já pontuavam como equivocadas as leituras que rotulavam esse romance como sendo de caráter genuinamente intimista, introspectivo. Leitores e críticos mais atentos às linhas e entrelinhas da narrativa, como Etienne Filho (1945), conseguiram perceber que tal obra também traça o retrato de um aspecto da vida nacional: o mundo do pequeno-burguês.

Aparentemente, o seu livro não “participa”, não toma partido do povo [...] narra as desventuras de um pobre amanuense, cheio de dramas, às voltas com uma turma de literatos, amando a um mito, vivendo entre duas irmãs esquisitíssimas, escrevendo o seu diário lírico. De fato nada mais

aparentemente gratuito, inócuo. Passando o tempo, porém, voltemos ao amanuense. Como resiste bem a estes nove anos de vida. Como encontramos ali uma sociedade, um clima. Como a "situação" histórica está fixada por processos sutis da arte. Em toda uma classe miseravelmente desamparada que é fixada em Belmiro. É todo um mundo pequeno-burguês que se move ao seu redor. O que há apenas é o seguinte: o livro não quis ser documental, não foi feito com a intervenção de servir para arte social, no mau sentido em que tomamos essa expressão. Como toda a grande obra, aliás, que quase nunca é feita com o caráter específico de documento, de prova, de testemunho, mas que, justamente por isto, fica como melhor documento, a melhor prova, o melhor testemunho¹.

Porém, neste artigo, nosso foco não é classificar o romance de *Cyros dos Anjos* quanto ao seu teor social ou tentar fixá-lo dentro de uma estética literária, mas sim trazer à tona algumas reflexões no tocante ao narrador-protagonista, Belmiro Borba, e seu intuito, ao longo da narrativa, em escrever um romance para justificar sua vida inútil e sem sentido, buscando compreender o papel do herói da narrativa moderna, conforme discutiremos nos tópicos seguintes.

1. O romance moderno e a inação do herói: “O Borba errado”

A era moderna trouxe consigo a ruptura do homem com o mundo, com a sociedade, uma vez que na era clássica havia uma união do homem com a natureza, existia harmonia entre o mundo interior e o exterior, correspondendo assim a uma totalidade, algo muito presente nos grandes textos épicos em que a figura do herói representava o coletivo. O que estava em questão na epopeia era o bem comum, o benefício da coletividade, o herói lutava por um bem maior. Já na era moderna o que prevalece é o sujeito individual e as batalhas são travadas consigo mesmo.

Com efeito, a narrativa moderna passa então a revelar um indivíduo voltado para seu próprio eu, de teor introspectivo, em que os acontecimentos narrados passam apenas a serem meros “provocadores” de uma reflexão que recai sobre si mesmo e sobre a vida.

Tal fato ocorre com a obra aqui analisada, *O amanuense Belmiro*, pois um simples fenômeno meteorológico, no caso uma chuva, ocasiona no narrador-personagem, Belmiro Borba, um estado reflexivo e até lírico:

Na manhã de hoje, o sol nasceu forte e a terra me queimava os pés. Quando, após instantânea formação de nuvens, veio a chuva, subiu da terra um hálito intenso e fecundante. Foi um pé-d’água violento e rápido, mas o cheiro de terra impregnou-me as narinas o dia inteiro. Qual a relação entre tal acontecimento meteorológico e nossa sensibilidade? Eu não saberia precisá-la e apenas poderei dizer que um homem rural, adormecido, despertou em mim, com seu primitivismo, sua força e, simultaneamente, seus temores. Ao passo que sentia veemente apelo da terra e um desejo vivo de evadir-me para lugares e épocas distantes, para certa gleba da fazenda velha, reservada

¹ Citação retirada de artigo intitulado “Ao lado do amanuense” que foi publicado no jornal *O Diário*, de Belo Horizonte-MG, em 27 de outubro de 1945. Esse artigo encontra-se digitalizado nos anexos do livro de Brandileone (2010).

ao plantio, onde os homens, curvados, cavavam o solo, para lhe deitar a semente, eu experimentava indizível angústia que resistia a toda tentativa de análise (ANJOS, 2006, p. 72).

Nota-se que há nessa narrativa um tom de introspecção, o personagem volta-se para o seu mundo interior e seus desejos pessoais a partir de situações externas, dos acontecimentos ao seu redor, gerando assim uma reflexão sobre seu próprio Eu. Belmiro expressa seu anseio em evadir-se no tempo e no espaço.

Assim sendo, por meio da realidade caótica é possível transcender e alcançar um efeito estético. Tomemos de empréstimo as palavras do filósofo alemão, Nietzsche, ao argumentar que:

Uma vez vista a verdade, o homem toma conhecimento, em toda a parte, do terrível absurdo da existência. [...] Então, neste supremo risco da vontade, a arte, essa feiticeira perita em curar, se aproxima dele; apenas ela pode transformar os seus acessos de náusea em figurações com as quais é possível viver (NIETZSCHE apud WILLIAMS, 2002, p. 63).

A arte é, nesse sentido, encarada como um subterfúgio para a evasão da crise existencial, desse mal-estar no mundo; é por meio da arte que o indivíduo parece encontrar uma linha de fuga para amenizar ou escapar da sua desordem interna.

Dentro desse contexto, a narrativa moderna procura acompanhar a consciência do sujeito também moderno, que vive mergulhado em seu mundo e seus conflitos existenciais, na busca de compreender a realidade da qual faz parte e, por conseguinte, essa narrativa dialoga com a crise vivenciada por esse sujeito, crise que é ao mesmo tempo um declínio individual e social.

Em *Texto/contexto*, no capítulo “Reflexões sobre o romance moderno”, Anatol Rosenfeld (1993, p. 80) nos esclarece que o romance moderno tem seu início a partir do momento em que escritores como Proust, Gide, Joyce e Faulkner produzem seus textos de forma a “desfazer a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro”, pois é notório que o romance moderno não assume nenhuma obrigação para com o “mundo empírico das aparências”, ou seja, com o mundo que é posto como “real e absoluto”, com sua marcação de tempo e espaço, algo tão difundido pelo realismo tradicional e também pelo senso comum, mas sim “Trata-se, antes de tudo, de um processo de desmascaramento do mundo epidérmico do senso comum” (1993, p. 81).

O que há de novo na arte moderna não diz respeito somente à temática, mas também à própria estrutura da obra, isto é, como cada narrativa é construída, como cada obra trabalha a relatividade em sua composição, sendo possível perceber a existência de uma realidade mais aprofundada do que se costuma ser a percepção do real feita pelo senso comum, pois

[...] o homem não vive só “no” tempo, mas *é* tempo, tempo não-cronológico. A nossa consciência não passa por uma sucessão de momentos neutros, como o ponteiro de um relógio, mas cada momento contém todos os momentos anteriores. [...] Em cada instante, a nossa consciência é uma totalidade presente, o passado e, além disso, o futuro como horizonte de possibilidades e expectativas (ROSENFELD, 1993, p. 82).

Sendo assim, o romance moderno tende a confundir, por meio do monólogo interior ou do fluxo de consciência da personagem, a demarcação do tempo, gerando certa obscuridade entre passado, presente e futuro. Percebe-se que “[...] fragmentos atuais de objetos ou pessoas presentes e agora percebidos com desejos e angústias abarcando o futuro

ou ainda experiências vividas há muito tempo e se impondo talvez com força e realidade maiores que as percepções “reais” (ROSENFELD, 1993, p. 83).

Tal fato ocorre com a obra aqui em análise, *O amanuense Belmiro*, pois existe uma confluência do tempo no decorrer de sua narrativa, uma vez que o narrador-protagonista oscila, constantemente, entre o passado e o presente:

Eu ia, atento e presente, em busca de um bonde e de Jandira. Foi só ouvir uma sanfona, perdi o bonde, perdi o rumo, e perdi Jandira. Fiquei rente do cego da sanfona, não sei se ouvindo as suas valsas ou se ouvindo outras valsas que elas foram acordar na minha escassa memória musical. [...] mas bem percebi que os passos me levavam, não para o cotidiano, mas para tempos mortos (ANJOS, 2006, p. 27).

O personagem Belmiro Borba desloca, com facilidade, seu pensamento no tempo. Conforme esse trecho, anteriormente citado, são esses fragmentos do cotidiano que o fazem percorrer lembranças do passado que ficaram adormecidas em sua memória e que insistem em se fazerem presentes por meio das coisas mais banais do dia a dia que o remete aos “tempos mortos”, porém ainda muito vivos em suas recordações.

Sabe-se que a narrativa moderna não segue os modelos canônicos já estabelecidos pela estética tradicional, uma vez que tais modelos não conseguem mais dar conta de todo o movimento da modernidade, então, a escritura passa por uma crise de desagregação da estética clássica. Com isso, a nova forma de narrar trilha outros caminhos e encontra rumos diferentes nesse percurso narrativo, tendo como características a não-linearidade, a fragmentação, a metalinguagem e, principalmente, um narrador voltado para seu interior, recolhido em si mesmo, perdido nos labirintos do seu Eu e vivenciando um embate entre o mundo exterior e o mundo interior.

Talvez fora básica uma nova experiência da personalidade humana, da precariedade da situação num mundo caótico, em rápida transformação, abalado por cataclismos guerreiros, imensos movimentos coletivos, espantosos progressos técnicos que, desencadeados pela ação do homem, passam a ameaçar e dominar o homem. Não se refletiria esta experiência da situação precária do indivíduo em face do mundo, e da sua relação alterada para com ele, no fato de o artista já não se sentir autorizado a projetá-lo a partir da própria consciência? Uma época com todos os valores em transição e por isso incoerentes, uma realidade que deixou de ser “um mundo explicado”, exigem adaptações estéticas capazes de incorporar o estado de fluxo e insegurança dentro da própria estrutura da obra (ROSENFELD, 1993, p. 86).

Dessa forma, percebemos que a arte da modernidade não revela mais um sujeito único, inteiro, pleno, mas sim fragmentado, cindido e de múltiplas faces. Com essa crise do sujeito, o romance precisou se adaptar à nova realidade e responder a demanda de como se constituiria a narrativa em meio a essa desilusão instaurada no contexto da vida moderna.

Rosenfeld (1993), assim como Adorno (2012), destaca o romancista francês, Marcel Proust, como o primeiro a quebrar a barreira da tradição do romance do século XIX, mesmo que ainda de maneira “moderada”. Encontra-se na obra *Em busca do tempo perdido*, um narrador já voltado para seu mundo interior, subjetivo e não há mais a objetividade, narrativa em que os personagens se fragmentam e a ordem cronológica do tempo fica confusa ao se misturar as reminiscências do passado com os acontecimentos do presente. O mesmo ocorre com Belmiro Borba:

Depois de ter andado inquieto como uma galinha sem ninho (já viram uma galinha desalojada do ninho? Como cacareja aflita, sem encontrar lugar no espaço!), pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim, no domínio do tempo. Se, a cada instante, mergulho no passado e nele procuro uma compensação, as secretas forças da vida trazem-me de novo à tona e encontram meios de entreter-me com as insignificâncias do cotidiano. Pelo oposto, é comum que, quando o atual me reclama a energia ou o pensamento, estes se diluam e o espírito se desvie para outras paisagens, nelas buscando abrigo. Tais solicitações contrárias, em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, que se confunde no tempo e no espaço (ANJOS, 2006, p. 26-27).

Percebemos, então, que o narrador-protagonista dessa narrativa cyriana assemelha-se ao do romance de Proust, ou seja, ambos fazem uso da memória na construção da narrativa; sendo que a memória em Belmiro Borba apenas se insinua nos acontecimentos do presente, pois este busca no passado uma certa compensação para sua vida cotidiana, vivendo num conflito interno, conflito esse que se reverbera no “domínio do tempo”.

É possível identificarmos em alguns escritores que se destacaram na época, tais como: Proust, Virginia Woolf e James Joyce, os caminhos da prosa moderna do início do século XX, produtores de narrativas em que o procedimento da escrita volta-se para os questionamentos do seu mundo, de si mesmos e também do próprio texto. O foco recai, sobretudo, na posição que o narrador ocupa perante o que é narrado, o que é exposto mediante a inquietude de um narrador que não mais domina a cena enunciativa, as ações e situações de forma segura, objetiva e linear.

Quando é um narrador-personagem, percebe-se que se trata de um narrador individualista, que fala sempre de si, encara a vida a partir de sua perspectiva e vive numa busca constante por motivos que justifiquem sua existência, que dê sentido a uma vida sem sentido, sem aparente razão de ser. Conforme ocorre com o personagem Belmiro, pois o mesmo passa boa parte do romance fazendo uma autoanálise e se perdendo em fantasias e imaginações, buscando suprir a necessidade de encontrar sentido e direção para sua vida:

Afinal, são inúteis essas tentativas de análise e de interpretação de nós mesmos. Há, em nós, abismos insondáveis, que jamais exploraremos, onde se recolhem, pelo tempo que lhes apraz, as combinações múltiplas, várias, tantas vezes contraditórias, que compõem as formas sucessivas do nosso espírito. Explicar-me-ei, dizendo que hoje dormimos arlequim, amanhã acordaremos pierrô. As vestes fiaram guardadas em qualquer guarda-roupa de nossas profundezas onde se amontoam peças de indumentárias que variam até o infinito. E alguém no-las troca sorrateiramente, durante o sono, de acordo com um critério que nos escapa. E esse alguém às vezes se diverte, pondo-nos de casaca e em cuecas, ou pregando-nos um rabo de papel no jaquetão. O fato é que se frustra todo o esforço enorme que despendemos para nos impor certa disciplina, certa unidade, certa coerência. A sorrelfa, algum diabo malicioso inutiliza todo o nosso trabalho, e amanhã seremos o que não queremos, e hoje somos o que ontem fôramos e não quiséramos ser mais (ANJOS, 2006, p. 98).

Contudo, ocorre também o fato de que no romance moderno a figura do narrador é diluída no texto, cedendo espaço para o fluxo de consciência das personagens e a fragmentação da narrativa.

Diante do que foi exposto, percebe-se que essas reflexões nos fazem compreender que o cenário da arte atual expressa essa ruptura do indivíduo com a sociedade, apresenta a crise da narrativa e também do sujeito perdido em suas divagações e imerso em seu individualismo. Nesse contexto, o personagem do romance moderno encontra-se à deriva, uma vez que seu excesso de subjetividade e sua insatisfação com o mundo real o faz isolar-se, recolher-se em seus pensamentos, devaneios e fantasias que estão presentes apenas no seu próprio mundo; com isso, fica nítida a dissidência existente entre indivíduo e sociedade, desvencilhando-se assim da realidade objetiva.

A partir dessas elucidações, entendemos que a narrativa de *Cyro dos Anjos*, na obra aqui estudada, traz à tona essa crise do sujeito, tanto na história que está sendo contada como também na forma como ela é narrada. Dessa maneira, percebemos um narrador-protagonista mergulhado em sua subjetividade e em suas memórias. Esse personagem, Belmiro Borba, representa o indivíduo da inação, da ausência de atitude diante dos acontecimentos ao seu redor, pois o mesmo não consegue agir, não possui o poder de ação para modificar sua vida. Conforme consta no trecho a seguir:

Sinto inutilmente, em mim, uma vaga nervosa que quer acudir ao apelo que a multidão dirige a cada unidade. Quero rir, chorar, cantar, dançar ou destruir, mas ensaio um gesto, e o braço cai, paralítico. Dir-se-ia que há em mim um processo de resfriamento periférico. Os outros têm pernas e braços para transmitir seus movimentos interiores. Em mim, algo destrói sempre os caminhos, por onde se manifestam as puras e ingênuas emoções do ser, e a agitação que me percorre não encontra meios de evadir-se. Reflui, então, às fontes de onde se irradia e converte-se numa angústia comparável à que nos provém de uma ação frustrada (ANJOS, 2006, p. 30).

É notória a angústia do narrador-protagonista diante de sua realidade, ou seja, da sua falta de firmeza e coragem para fazer o que tem desejo ou concretizar o que vive em sua imaginação, pois é um herói da inação, característico do romance moderno. Há nesse tipo de herói o querer agir e realizar algo que tanto almeja, porém se deixa dominar pelas emoções, pela subjetividade e reflexão. É um indivíduo inerte e, sendo assim, nada faz para modificar sua vida.

De acordo com os postulados de Lukács (2000), entendemos que na obra *O amanuense Belmiro*, por ser esse um romance de teor mais introspectivo, o seu herói teria a “alma mais ampla”, ou seja, mais voltada para a reflexão, para a passividade do que para a ação. O herói moderno busca por si mesmo, é uma peregrinação para sua interioridade. Lukács (2000) diz que na peregrinação do herói épico sua ação ocorre para fora de si, enquanto que na peregrinação do herói romanesco, o mesmo caminha rumo a si próprio. Neste último encontra-se mais reflexão e menos ação, os personagens do romance moderno parecem não ter mais objetivo, mas sim uma problematização interior, é um sujeito desamparado. Conforme podemos observar na fala do Belmiro:

Nesta noite de quarta-feira de cinzas, chuvosa e reflexiva, bem noto que vou entrando numa fase da vida em que o espírito abre mão de suas conquistas, e o homem procura a infância, numa comovente pesquisa das remotas origens do ser.

Há muito que ando em estado de entrega. Entregar-se a gente às puras e melhores emoções, renunciar aos rumos da inteligência e viver simplesmente pela sensibilidade – descendo de novo, cautelosamente, à margem do caminho, o véu que cobre a face real das coisas e que foi, aqui e ali, descerrado por mão imprudente – parece-me a única estrada possível. Onde

houver claridade, converta-se em fraca luz de crepúsculo, para que as coisas se tornem indefinidas e possamos gerar nossos fantasmas. Seria uma fórmula para nos conciliarmos com o mundo (ANJOS, 2006, p. 33).

2. Belmiro Borba: a escrita de si

De acordo com Candido (2010, p. 74), *O amanuense Belmiro* é o livro de um “burocrata lírico”, “um homem sentimental e tolhido”, envolto por uma parcimônia em suas atitudes, o qual possui “excesso de vida interior” e escreve em seu diário suas histórias, pois “a expressão alivia ao mesmo tempo que excita” (ANJOS, 2006, p. 16). Essa obra apresenta nas entrelinhas aspectos da historicidade brasileira, configurando-se, portanto, em uma narrativa poética multifacetada, a qual traz um narrador-personagem também “múltiplo”, que no decorrer do texto se revela e se oculta deixando entrever a figura de um sujeito que vive em constantes oscilações, um ser fragmentado que tenta se “recompor”, se encontrar e se firmar a partir da arte, da construção literária. A literatura passa a ser encarada por seu protagonista, Belmiro, como uma forma de escapismo, de fuga e, sobretudo, de salvação.

O amanuense Belmiro está dividido em 94 capítulos curtos, em que o narrador-personagem registra de maneira subjetiva suas confidências e reflexões, transferindo para o papel alguns fatos, observações e sensações do seu dia a dia.

O enredo desse romance traz passagens do cotidiano de um homem comum, Belmiro Borba, funcionário público que exerce a função de amanuense (geralmente encarregado de copiar textos e/ou ofícios à mão), sonhador, tímido, solteirão, chega aos trinta e oito anos de idade e percebe que não fez nada de relevante e apreciável na vida. Possui grande capacidade de observar e analisar a si mesmo e aos outros, passando pela vida apenas como quem observa, contempla e não como quem vive. Tenta manter a turma de amigos unida, pois é com esse grupo que ele interage, toma chope e discute questões filosóficas: “Pus-me a andar na companhia de literatos e a sofrer imaginárias inquietações. Tive amores infelizes, fiz sonetos” (ANJOS, 2006, p. 22). Mora em Belo Horizonte com suas duas irmãs mais velhas (Emília e Francisquinha), mas cultiva as lembranças de sua infância em Vila Caraíbas, interior de Minas Gerais. Alimenta e idealiza amores não realizáveis, pois nunca revela seus sentimentos, não é um sujeito de ação, de atitude, então prefere refugiar-se nos seus sonhos a enfrentar a realidade.

O texto por ser escrito em forma de diário, deixa transparecer uma linha tênue entre o memorialismo e a semiautobiografia, pois Cyro foi um escritor que procurou estabelecer um amálgama da realidade de dentro com a de fora². É a partir da escrita do diário que Belmiro relata suas felicidades e tristezas vividas no presente e no passado, por meio de lembranças despertadas muitas vezes por um perfume, uma música ou um lugar:

Vejo que, sob disfarces cavilosos, o presente vai se insinuando nestes apontamentos e em minha sensibilidade, e que o passado apenas aparece aqui e ali, em evocações ligeiras, suscitadas por sons, aromas ou cores que recordam coisas de uma época morta (ANJOS, 2006, p. 27-34).

São recordações de amores antigos, de situações passadas que surgem o tempo todo no dia a dia, na rotina, nos pensamentos e reflexões de Belmiro como tentativa de fuga da

² Cyro dos Anjos em entrevista feita por Edla Van Steen no ano de 1982.

vida presente, como subterfúgio a não adaptação ao seu mundo externo.

O gênero diário é a forma preferida dos tímidos e introspectivos. Tal escolha de gênero como forma de relato, deixa evidente não só a quebra da narrativa, mas também a própria desintegração do Eu do narrador-protagonista. Com isso, percebe-se ainda a escrita de si como sintoma da época, pois na narrativa do século XX temos a problematização do Eu e a fragmentação do enredo como pontos marcantes.

Encontramos, nesses romances do século XX, personagens e narradores errantes, imersos na solidão, e o ato de narrar surge em oposição à morte, como uma luta contra a morte. No caso de Belmiro a escrita aparece como exame de consciência, vida interior que se projeta no diário. A ação é apenas reflexiva e, dessa forma, um tempo anterior, remoto ou imediato, é observado e analisado pelo Belmiro que escreve. Ele é um homem de pensamento, arrastado pelos acontecimentos, mas tem essa capacidade de se olhar, de se analisar. Podemos perceber tais apontamentos no trecho que segue:

Eis que o amanuense é um esteta: ao passo que há nele um indivíduo sofrendo, um outro há que analisa e estiliza o sofrimento. Talvez fosse preferível ingerir certo vinho capcioso e, sem nenhuma análise, entregar os sentidos à doce música da *Bayadera*, que a radiola derrama no ar.
Mas o homem espia o homem, inexoravelmente (ANJOS, 2006, p. 29).

No decorrer da narrativa percebemos a necessidade que o amanuense tem em transpor para o papel seus sentimentos, suas inquietações e seu desejo de encontrar sentido na vida pelo viés da literatura, por meio da escrita de si. Desse modo, o passado se deixa entrever através de imagens fugidias e, assim, Belmiro põe-se a “[...] procurar as sombras de um mundo que se perdeu na noite do tempo” (ANJOS, 2006, p. 94).

O narrador-protagonista escreve um livro porque está grávido de experiência de vida, por perceber que esta é uma forma possível de sublimação, de atingir a transcendência. Lembro aqui as palavras do poeta Fernando Pessoa: “A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta³”. Nessa atmosfera de criação artística, é o próprio Belmiro quem relata seu estado de gravidez literária:

Sim, vago leitor, sinto-me grávido, ao cabo, não de nove meses, mas de trinta e oito anos. [...] sou um amanuense complicado, meio cínico, meio lírico, e a vida fecundou-me a seu modo, fazendo-me conceber qualquer coisa que já me está mexendo no ventre e reclama autonomia no espaço (ANJOS, 2006, p. 25).

O crítico Silviano Santiago (2006, p. 15) deixa claro que: “Em aparente alheamento ao que se passa ao redor e no mundo, a escrita de Belmiro – ou seja, a realidade estruturada simbolicamente na folha de papel – representa e elabora sensível, metódica e inconscientemente o drama humano, que não tem solução, e jamais terá”. Assim, os conflitos do amanuense também são os conflitos e questionamentos filosóficos que inquietam todos nós seres humanos.

O narrador ressalta ainda a relevância que tem seus escritos ao dizer que “Este caderno, onde alinhio episódios, impressões, sentimentos e vagas ideias, tornou-se a minha

³ PESSOA, Fernando. **Heróstrato e a Busca da Imortalidade**. (coleção Obras de Fernando Pessoa). Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

própria vida, tanto se acha embebido de tudo o que de mim provém e constitui a parte mais íntima de minha substância” (ANJOS, 2006, p. 95). E ainda, em capítulos posteriores, fala em defesa da literatura e, assim, reforça a ideia da salvação por meio da escrita: “Quem quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua do oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico.” (p. 197).

Alcir Pécora (2006), ao escrever o posfácio da 6ª edição de *O amanuense Belmiro*, diz que:

[...] a escrita de um romance é a última chance que Belmiro imagina para resistir à banalidade da vida, por um lado, à impotência da memória, por outro. Efetuar a escrita como literatura pura, isto é, como ficção de uma verdadeira vida, indeterminada e amorosa, é o derradeiro lance de Belmiro em busca de sua vida própria. Derradeiro, e ainda uma vez inútil, ou falhado: o romance não se destaca jamais do diário de um tempo estéril ou da memória volátil de um tempo quicá nunca vivido. Jamais Belmiro logra uma ficção amorosa tão delicada, a ponto de identificar o seu narrador-personagem com o herói do romance insinuado. Tal herói seria por ventura um “Belmiro oceânico”, que em delírios imagina dentro de si, mas cuja grandeza romântica não dura mais que o tempo de uma vertigem diante do mar do Rio de Janeiro. Num segundo, a sua magnificência já revela o corpo de uma imensa e incontrolável paralisia (PÉCORA, 2006 apud ANJOS, 2006, p. 238).

Em virtude do teor composicional da obra em análise, dessa necessidade da escritura de si, não poderia ser diferente o fato de esse romance assumir um tom poético, por vezes, lírico em muitas passagens da narrativa. Sendo assim, o fenômeno poético, especificamente o lírico, encontra-se entrelaçado com a prosa; logo, é possível detectar vários recursos próprios da poesia espalhados ao longo da narrativa, como metáforas, prosopopeias, comparações, rimas e outros, compondo, desta maneira, uma prosa poética.

Entendemos que uma narrativa apenas de cunho tradicional não daria conta das questões mais profundas do narrador-protagonista, Belmiro Borba, e, por este motivo, o texto se encontra pulverizado pelo tom poético. Contudo, não se trata somente de poesia comum, mas de poesia lírica, porque esta se constitui, por meio de imagens, metáforas e símbolos, uma via direta entre a parte mais abismal do ser e a exteriorização de emoções, sentimentos, receios.

Já estava palmilhando a terra vaga do sono, para frente, para trás, segundo a luta surda que se trava em nós, entre uma parte do eu, que aspira ao abandono, e outra que contra ele reage, talvez pelo receio inconsciente que inspira o adormecer, imagem da morte; ganhava-me o corpo uma doce lassidão, e o espírito se ia contagiando do torpor que afrouxara os nervos; apenas impressões vagas, prestes a se apagarem, me vinham das coisas, e a uma reminiscência tênue, quase a esvaecer, reduzia-se esta lembrança permanente com que, no estado de vigília, a memória sustenta, a cada instante, nossa precária unidade psíquica, ligando o momento que passou ao momento presente (ANJOS, 2006, p. 23).

O amanuense Belmiro percorre esse caminho do poético, do lírico, uma vez que deixa evidências em sua narrativa de marcas da musicalidade e das imagens poéticas para expressar os sentimentos, sensações e anseios imaginários do narrador-protagonista:

Depois de ter andado inquieto como uma galinha sem ninho (já viram uma galinha desalojada do ninho? Como cacareja aflita, sem encontrar lugar no espaço!), pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim, no domínio do tempo. Se, a cada instante, mergulho no passado e nele procuro uma compensação, as secretas forças da vida trazem-me de novo à tona e encontram meios de entreter-me com as insignificâncias do cotidiano. Pelo oposto, é comum que, quando o atual me reclama a energia ou o pensamento, estes se diluam e o espírito se desvie para outras paisagens, nelas buscando abrigo. Tais solicitações contrárias, em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, que se confunde no tempo e no espaço (ANJOS, 2006, p. 26-27).

O uso de metáforas e comparações, “[...] andado inquieto como uma galinha sem ninho”, também fazem parte da composição textual auxiliando no tom poético da obra. Com isso, notamos que a poesia espraia-se na prosa, porém, para que esta se torne lírica é preciso vir à tona o eu-poemático, ou seja, os sentimentos e emoções do personagem.

Por fim, diante do que foi abordado, compreendemos que o primeiro romance de Cyro dos Anjos traz à tona um personagem voltado para sua subjetividade, um herói da reflexão e não da ação. É um narrador-protagonista que busca, pelo viés da escrita (da literatura), um sentido para sua existência.

Conclusão

O romance aqui analisado, apesar de publicado no final da década de 1930, permanece atual por colocar em evidência uma temática universal, ou seja, questões inerentes ao ser humano: sujeito imerso nas interrogações do Eu, no caos da vida moderna e em busca de sua identidade, de sentido para viver, “estar” no mundo.

O amanuense Belmiro foi elaborado a partir de uma narrativa tecida pelos fios da memória e da imaginação criativa, em que o autor traz à tona um narrador-protagonista envolto em seus dramas pessoais, amores platônicos e fantasias, sendo que o mesmo só encontra evasão para suas frustrações por meio da escritura do seu diário, pelo viés da literatura. É uma obra que se destaca não só pela temática, mas também na forma romanesca como a história é narrada, entrelaçando os gêneros romance, diário e memorial. A narrativa nos faz perceber que o personagem Belmiro não se adéqua ao ambiente rural e nem ao urbano, parece não encontrar seu lugar no mundo e fica oscilando entre o tempo presente e o passado, perdido e preso à fantasia e às situações não vividas.

Face ao exposto, percebe-se que Cyro dos Anjos traz nas linhas e entrelinhas de sua narrativa questões que vão além do teor introspectivo, colocando também em discussão a problemática social, o papel da literatura e do intelectual na sociedade. Dessa forma, este estudo teve o objetivo de mostrar que além dessa obra possuir um narrador-protagonista que busca refúgio na escrita, na literatura, trata-se também de uma narrativa inebriada pelo lirismo, pela solidão e pela mediocridade da existência. É um livro perpassado pelo contexto caótico da modernidade, ocasionando uma falta de equilíbrio do protagonista que se encontra mergulhado em seu mundo de fantasias, de imaginação ou nas memórias, nas lembranças do passado; pois esse romance traz em seu escopo a preocupação com o elemento homem e seus mistérios.

O personagem Belmiro Borba traz à tona a questão dos desajustes da vida moderna,

do sujeito (personagem) perdido, que não acha soluções, que não encontra o caminho, sendo o mesmo mais de reflexão do que de ação, em que o sentido de sua existência passa a residir na própria escrita. Diante do que foi aqui analisado, percebemos que a vida desse protagonista só encontra sentido no processo de escritura do seu diário, sendo a literatura sua fuga e seu refúgio, pois ao tecer seu romance, seu diário, Belmiro tenta salvar sua própria vida do vazio da existência.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In.: _____. *Notas de literatura I*. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012, p. 55-63.
- ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. São Paulo: Globo, 2006.
- ANJOS, Cyro dos. Cyro dos Anjos. In: STEEN, Edla Van. *Viver & escrever*. Porto Alegre: L&PM, 1982. p. 16-20. Entrevista concedida a Edla Van Steen.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. As leituras de O amanuense Belmiro: da crítica jornalística a crítica universitária. São Paulo: Annablume, 2010.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- _____. *Brigada ligeira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- ETIENNE FILHO, João. Literária. *O Diário*. Belo Horizonte, 28 dez. 1957.
- FÁVERO, Afonso Henrique. Conversa com Cyro dos Anjos. In.: _____. *Scriptoria III: Ensaios de literatura*. Natal: EDUFRN, 2008.
- LAFETÁ, João Luiz. Modernismo: projeto estético e ideológico. In: *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- LUKÁCS, György. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- PÉCORA, Alcir. Um romance reticente (Posfácio). In: ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. São Paulo: Globo, 2006, p. 229-239.
- PESSOA, Fernando. *Heróstrato e a Busca da Imortalidade*. (coleção Obras de Fernando Pessoa). Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____. *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. Tradução de Betina Bischof. São Paulo: Cosac Naify, 2002.